

“ENCONTROS DAS QUINTAS-FEIRAS”: ACOLHIMENTO E CONEXÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM SITUAÇÃO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE TEXTOS LITERÁRIOS

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira¹
Maria Luiza Villar Santana²
Maria Eduarda Leão Barbosa³
Cauã Henrique Alves Cunha⁴

RESUMO

Entende-se a leitura como atividade subjetiva e de produção de sentidos que permite a troca dialógica e a compreensão de relações complexas de caráter interno pelo sujeito leitor, individualmente ou em situação de leitura coletiva. Ademais, assume-se que esta atividade promove o bem-estar psicológico porque é passível de favorecer a reintegração do nexos entre as funções psicológicas superiores por meio do restabelecimento das relações entre sentidos e significados. Assim, tem-se por objetivo relatar a experiência de encontros de pesquisa realizados com estudantes universitários em situação de leitura de textos literários com foco nos indícios de promoção da saúde mental. Foram realizados dez encontros com 2 (dois) diferentes grupos, perfazendo um total de 20 sessões de mediação de leitura. Os encontros aconteceram nos turnos da tarde e da noite, às quintas feiras, no período de agosto a outubro de 2024. O grupo da tarde funcionou com 4 estudantes com frequência instável e o grupo da noite, com 5 estudantes assíduos; todos eles apreciadores de textos literários, de música e de cinema. Foram escolhidos textos que pudessem promover a dialogia entre leitor-texto-outro e que tivessem relação com as experiências dos participantes leitores e/ou com os sentidos produzidos no encontro anterior. As situações de leitura foram mediadas por uma professora e uma estudante de pedagogia que provocavam o grupo, após a leitura em voz alta, com uma pergunta instigadora. Os resultados parciais indicam que o espaço de leitura além de provocar a produção de sentidos sobre o (não) pertencimento à universidade, sobre a instabilidade da subjetividade e das relações intersubjetivas, possibilitou o acolhimento dos sentimentos dos participantes e a conexão entre eles, sendo esta última um dos principais marcadores do bem-estar psicológico.

Palavras-chave: Leitura, Produção de sentidos, Textos literários, Bem-estar-estar psicológico, Universitários.

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir dos encontros, pesquisas e discussões realizadas por um grupo de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Centro de Educação (CE), onde se discutiu sobre a produção de sentidos a partir da leitura e a sua relação com o bem-estar e o bem-viver dos estudantes universitários.

Assim, tem-se por objetivo relatar a experiência de encontros de pesquisa realizados com estudantes universitários em situação de leitura de textos literários com foco nos indícios de promoção da saúde mental. Os encontros aconteceram nos turnos da tarde e da noite, às quintas feiras, no período de agosto a outubro de 2024, no Centro de Educação da UFPE.

Além disso, ao procurar entender, através de um questionário, como os estudantes universitários jovens achavam que a leitura deveria ser trabalhada na universidade, as respostas a essa pergunta focaram desde a necessidade de a leitura, no contexto universitário, ser tratada em uma perspectiva do diálogo, da ludicidade e do enfoque dos diferentes gêneros textuais, passando pela noção de que essa atividade precisa considerar os conhecimentos e vivências do leitor, até a concepção da leitura como atividade promotora de saúde, como argumentou um(a) dos(as) universitários(as) respondente do formulário:

Na verdade, acho que a universidade não deixa espaço para a leitura por lazer, pois já toma nossa vida com leituras acadêmicas. Acho que as políticas de saúde, permanência e assistência estudantil da Universidade deveriam criar políticas para promover o bem-estar individual e coletivo e, dentre as opções, dispor a leitura [Estudante da UFPE, fevereiro, 2020. Grifos nossos].

O enunciado do(a) estudante aparece em um contexto sócio-histórico e político de esgotamento dos sujeitos que, como reflete Han (2017), caracteriza a sociedade do

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



cansaço, uma sociedade do desempenho que gera o sujeito de desempenho que “se destrói na vitória [e] É assim que doenças psíquicas como o burnout ou a depressão, que são as enfermidades centrais do século XXI, apresentam todas elas um traço altamente agressivo a si mesmo” (p. 102), não se fazendo mais necessário um fator externo causador de violência, pois o sujeito de desempenho “acaba entregando-se à coação livre a fim de maximizar seu desempenho” (p. 105).

Por outro lado, o autor também conjectura modos de superação desse esgotamento que advém da exploração própria, que gera uma “profunda crise da liberdade”, expressa nas enfermidades psíquicas desse século. Assim, sugere que se recupere a temporalidade da festa, da celebração, a qual não se confunde com a mera desaceleração. A recuperação de uma temporalidade que permita o resgate do “tecer e do fiar”, o resgate do descanso e da capacidade de tolerar o tédio e de “escutar espreitando”, porque “Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento” (Han, 2017, p. 36).

Diante disso, questões são tecidas: o que seria a leitura se não a capacidade de escutar espreitando? O que seria a leitura se não a própria atividade de tecer e fiar, e de ter acesso ao lento? Não seria isso também que provocaria a crise da leitura, uma atividade que exige o tédio gerado pelo descanso profundo, em uma sociedade da hiperatividade? Mas, contraditoriamente, não estaria na atividade de leitura a possibilidade de resgate da capacidade de contemplação e de celebração? Por isso, acredita-se que a leitura pode transformar a “casa mercantil novamente numa moradia, numa casa de festas, onde valha mesmo a pena viver.” (Han, 2017, p. 128). A leitura como “festa de renovação” dos sentidos (Bakhtin, 2003) em que novos textos (provisórios) são produzidos na relação entre duas consciências, permitindo que o ético e o estético se (re)inscrevem para que o ser habite uma nova morada no mundo, que inspire o bem-estar.

1.1 A leitura, produção de sentidos e promoção da saúde psíquica

Compreendendo a saúde para além de um estado de ausência de doença e, portanto, como um conceito complexo, multidimensional, multideterminado e subjetivo, ou, mais especificamente, como bem-estar físico, mental e social, que muda de acordo com o “projeto de vida de cada um, do seu sentido de felicidade e do seu esforço para

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



compreender e respeitar o Universo” (Noronha e Rodrigues, 2011, p.396), assume-se a leitura como atividade promotora de bem-estar psicológico porque, como atividade criadora, é passível de favorecer a reintegração do nexos entre as funções psicológicas superiores (Vigotski, 2004).

Comentado [1]: tu sabes dessa referência?

Comentado [2]: Consegui!!

A perspectiva do bem-estar psicológico está fundamentada na noção de “pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa, ou seja, em sua capacidade de pensar, usar o raciocínio e o bom senso” (Siqueira e Padovam, 2008). Portanto, refere-se à possibilidade do sujeito de fazer escolhas que levem em conta o próprio modo de estar no mundo, na interação com o outro, para enfrentar os desafios da vida. Por outro lado, entende-se que o adoecimento não é apenas de âmbito individual, mas também social e, portanto, é “compreendido [...] como um mecanismo com aspectos do campo da consciência e do inconsciente, pessoal e social do sujeito em busca de proteger-se” (Ponte e Lima, 2020, p.59).

Deste modo, defende-se, com base na Psicologia Histórico-cultural, que o sujeito se constitui subjetivamente na relação com a realidade objetiva, ou melhor dizendo, “É na atividade transformadora do humano sobre a natureza, sustentada em relações com os outros homens, que se produz a humanização” (Bock e Aguiar, 2016, p. 47). Então, acredita-se que as situações de leitura são propícias para promoverem a subjetivação pelo encontro entre sujeitos sociais diversos, pois podem pautar sobre o eu, o tu e o nós, favorecendo a (re)conceptualização do sentido da vida no/pelo encontro com o outro. Também se compartilha da ideia de Vigotski (2004) de que o transtorno psíquico ou o mal-estar psicológico tem origem na desintegração de todos os sistemas psicológicos complexos que são resultado da vida coletiva, uma vez que, segundo o autor

[...] durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções [...] nem sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, mas o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexos das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. É por isso que, quando se passa de um nível a outro, com

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.ferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



frequência a diferença essencial não decorre da mudança intrafuncional, mas das mudanças interfuncionais, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional (p. 105).

Assim, entende-se que no transtorno psíquico todo o processo psicológico sistêmico é afetado porque há uma alteração na hierarquia das funções, havendo, por sua vez, a desintegração entre sentidos e significados (Ponte e Lima, 2020), já que a formação do conceito, fundamentada nas relações entre pensamento e linguagem, apresenta-se como a chave de todos os processos de desenvolvimento. Tomados como sujeitos de produção de sentidos, a impossibilidade do ser humano de produzi-los mostra-se como indício de adoecimento e de sofrimento pelo fato de automatizar e cristalizar seu comportamento (Oliveira, 2020).

Por outro lado, ao se oportunizar ao sujeito situações de expressão sobre o vivido ou sobre a emoção experimentada, por exemplo, no encontro com a arte ou com um texto, as relações entre as suas funções psicológicas podem mudar porque novos sentidos são gerados. Como ressaltam Melo e Rocha (2020, p. 37), nessa atividade de produção de sentidos, “Acontece, então, o processo de desenvolvimento – onde aprendizagens se dão primeiro no campo interpessoal e depois são apropriadas no campo intrapessoal, trazendo mudanças na subjetividade”.

Como atividade criadora e de produção de sentidos, a atividade de leitura suscita diferentes emoções e sentimentos em uma relação complexa com os conceitos, favorecendo a transformação do psiquismo. Afinal, como postula Vigotski (2004, p. 127), “O fato de eu pensar coisas que estão fora de mim não altera nada nelas, ao passo que o fato de pensar nos afetos, situando-os em outras relações com o meu intelecto e outras instâncias, altera muito a minha vida psíquica”.

Nesta perspectiva, defende-se a noção de que o leitor é um ouvinte ativamente responsivo que também assume o lugar de falante, ambos ativos no processo de interação verbal. E mais, para ser leitor, a pessoa física precisa assumir uma posição axiológica, tomar uma voz social na arena da heteroglossia dialogizada, ou seja, no embate de vozes sociais que dá dinamicidade à língua enquanto realidade social vivida. E é nessa

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



dinamicidade de vozes que o enunciado tem realidade, expressa o correto (ou incorreto), o verdadeiro, o verídico (mentiroso), o belo, ou seja, o axiológico (Bakhtin, 2003).

Neste caso, o leitor, ouvinte ativo, também falante, constrói o seu produto verbal mobilizando enunciados heterogêneos oriundos de diferentes vozes sociais que serão implícitas ou explicitamente ressoadas no texto que produz a partir da compreensão responsiva ativa e dialógica (Bakhtin, 2003). Essa compreensão ativa, por conseguinte, expressa um modo valorativo de dizer o mundo na relação com outro sujeito porque “Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito [pois] na compreensão [existem] duas consciências, dois sujeitos (p. 316).

Deste modo, concebe-se a leitura como produção de sentidos caracterizada pelas relações dialógicas entre o leitor e o autor do texto em contexto específico, além de acreditar que essa é uma atividade que permite o vivenciar de “um longo fôlego”, de um descanso profundo em um tempo pleno de celebração, favorecendo a ressignificação da vida. Portanto, assume-se, em última instância, uma perspectiva política, já que se pretende dialogar sobre o ser e o estar no mundo, sobre o encontro entre sujeitos e não única e simplesmente sobre o escrito e inscrito no texto.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Durante o ano de 2024, de agosto a outubro, foram realizadas rodas de leituras no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, derivadas do PIBIC, intitulada “Leitura, produção de sentidos e promoção da saúde em estudantes universitários: tecendo experiências de si no autor/outro.” Essa pesquisa teve a aprovação plena do Comitê de Ética da universidade.

Os participantes das rodas de leitura foram captados por meio de um formulário online divulgado nas redes sociais e nos grupos do curso de Pedagogia da UFPE. Os critérios de inclusão dos discentes na pesquisa foram ser estudantes de graduação da universidade e ter mais de 18 anos. Já o critério de exclusão foi ser estudante matriculado no curso de graduação da UFPE que estivesse vivenciando um processo de sofrimento mental profundo, caracterizado por crises de depressão e ansiedade, por exemplo. Dessa forma, a partir das inscrições, foram criados dois grupos, um no turno da tarde que

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.ferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



continha 5 estudantes e um à noite que continha 5 pessoas. Como mediadoras das rodas estavam a docente coordenadora da pesquisa e uma estudante bolsista do curso de Pedagogia. As rodas de leitura aconteciam com os dois grupos de estudantes universitários, sempre às quintas-feiras, com 1h30min de encontro. Cada turno teve 10 rodas de leitura, totalizando 20 encontros realizados.

As sessões de mediação de leitura aconteceram no CE, no turno da tarde, em uma sala de aula comum, com as disposições das cadeiras em formato de círculo e à noite, em uma sala com tatames e almofadas no chão. Os ambientes foram adequados para propiciar o acolhimento aos estudantes, com velas aromáticas, chá e café para os integrantes, de modo a oferecer as condições necessárias para a produção de sentidos no encontro consigo e com o outro/autor. Nos encontros, mediados pela professora pesquisadora proponente e pela estudante bolsista participante do projeto, foram realizadas a leitura compartilhada de textos literários, como “Se eu fosse eu” de Clarice Lispector, “Não pise no meu vazio” de Ana Suy, poema “Ainda assim eu me levanto” de Maya Angelou, “Vocês vão ser auxiliares de escritório” do livro *Velhas Sábias: Um Tributo às que vieram antes de nós*, Texto “Dois lados da moeda” no livro “Olhos de Azeviche: Dez Escritoras Negras Que Estão Renovando a Literatura Brasileira”, “O peso do pássaro morto” de Aline Bei, poema do livro “Descolonizando Afetos: experimentações de outras formas de amar”, de Geni Núñez, “Quando o amor acaba” de Luiza Villar, “Profanamente Humano” de Pedro Jesus, poema “O universo e a poeta” do livro “O cientista e a poeta” de Mirian Menezes de Oliveira, e o conto “Penduricalho” do livro “Balas das meninas” de Fátima Soares. Em cada encontro, após a leitura em voz alta do texto selecionado previamente para o encontro, a professora coordenadora sempre fazia uma pergunta geradora do diálogo sobre as pautas do eu, do tu e do nós.

As sessões de leitura foram gravadas em vídeo, de acordo com a autorização do grupo, e posteriormente, transcritas para análise da pesquisa em andamento. Para o procedimento analítico, foi realizado o método dos Núcleos de Significação (Aguiar e Ozella, 2006, 2013), que se sustenta nos fundamentos epistemológicos da perspectiva sócio-histórica da psicologia, de abordagem histórico-cultural vigotskiana. Essa análise buscou a apreensão das significações produzidas pelo sujeito frente à realidade vivida,

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



com foco nas contradições, para ir além das aparências. Assim, partiu-se da análise do significado, mais estável, uniforme, exato e culturalmente compartilhado, para a interpretação dos sentidos, entendido como “uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada” (Vigotski, 2001, p. 465), do qual o significado é apenas uma dessas zonas.

Comentado [3]: ESSA REF N ESTÁ NO PROJETO

Por conseguinte, as rodas de leitura foram momentos memoráveis para todas as pessoas que participaram, a cada encontro foi possível perceber o fortalecimento dos vínculos entre os participantes e a criação de um espaço de escuta sensível, em que cada estudante se sentia pertencente e livre para expressar suas emoções, pensamentos e inquietações. As falas revelavam, de modo espontâneo, como a leitura literária mobilizava lembranças, reflexões sobre si e sobre o outro, favorecendo a elaboração de sentimentos e a reconstrução de sentidos sobre a própria trajetória universitária.

Os textos escolhidos despertaram diferentes afetos — alguns encontros foram marcados por risos, outros por silêncios densos, pausas longas e lágrimas compartilhadas. Houve momentos em que as narrativas literárias se tornaram espelhos para os estudantes, fazendo emergir discussões sobre o medo do fracasso, o cansaço, a solidão e o desejo de permanência na universidade. Notou-se também que o ambiente estético construído — com o cuidado nos detalhes, o aroma das velas e o chá partilhado — funcionava como um convite à desaceleração, à presença e ao encontro. Esse clima favoreceu a vivência de um “tempo outro”, mais lento e afetivo, em contraste com o ritmo acelerado da vida acadêmica. Com o passar das semanas, os estudantes passaram a associar as quintas-feiras a um momento de respiro. As leituras se tornaram, assim, uma forma de resistência frente à lógica produtivista que atravessa o cotidiano universitário. O espaço das rodas foi se constituindo como um território de cuidado coletivo, de expressão estética e de promoção de saúde psíquica.

Para ilustrar o sentimento de acolhimento e gratidão, um dos participantes escreveu um poema como forma de expressar o que significou as rodas de leitura significaram para ele, a saber:

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.ferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



“Quinta- feira
Eu me levanto
toda quinta de manhã
E da caverna enxergo o vazio
cedinho ainda sinto frio
Toda quinta de manhã.
Um amigo eu encontro
Toda quinta de manhã
e do súbito o sol brilha mais
O céu azul é mais sereno
Os meus eus, por um segundo, estão plenos.
Toda quinta de manhã.
Estou morrendo o tempo inteiro
Toda quinta de manhã
E não há consolo maior que saber
que pouco depois do entardecer
Nosso momento há de acontecer.
Presenciei muitos renascimentos
Enterrei fantasmas a sombra dos meus passos
Fumei uns tantos cigarros
Me vi fraco
Mas uma mão chegou em tempo hábil
Então outras mãos vieram
Fiquei de pé como se fosse fácil.

Na minha solitude, na minha jornada solitária
Eu não estava sozinho, era apenas a imaginário
E como diria meu amigo Iago: Tudo é fluxo!
Em toda quinta, em todo encontro

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
caua.cunha@ufpe.br.



Me vejo diante do mesmo dilema
Será que a vida, como este poema
Não passa de um acaso?
- Participante da roda de leitura

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Encontro das Quintas-Feiras” revelou-se uma experiência potente de acolhimento, escuta e produção de novos sentidos e significados. A leitura de textos escritos, mediada de forma dialógica e sensível, privilegiando os sentidos compartilhados com o autor/outra, mostrou-se capaz de promover o bem-estar psicológico dos estudantes, favorecendo a reintegração entre sentidos e significados e possibilitando o resgate de aspectos subjetivos muitas vezes silenciados pela lógica produtivista da universidade e do mundo globalizado. (Han, 2017)

A análise realizada a partir dos encontros, foi muito rica e importante para constatar que as rodas de leitura não apenas produziram conhecimento, mas também gerou encontros humanizadores, marcados pela empatia e pela valorização do sensível, da escuta e do abraço. O resultado das análises evidenciou que as rodas podem contribuir para o fortalecimento do vínculo social e afetivo, a reintegração entre sentidos e significados e o enfrentamento coletivo das dores e desafios da vida acadêmica.

Portanto, recomenda-se que pesquisas posteriores investiguem o papel das atividades extensionistas ligadas às rodas de leitura literária na promoção de saúde mental e bem-estar de pessoas idosas. Esse recorte pode ampliar a compreensão sobre a potência da literatura como mediadora de vínculos, de ressignificação da subjetividade e de (re)conceptualização das funções psicológicas superiores, considerando os desafios específicos do envelhecimento. A solidão, frequentemente intensificada nesse ciclo da vida, pode ser ressignificada pela leitura como espaço de encontro simbólico e de invenção de novos sentidos, o que reforça sua relevância como prática de cuidado. Além disso, estudos futuros poderão explorar não apenas os efeitos e contribuições da leitura, mas também seus impactos a médio e longo prazo, contribuindo para consolidar a

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.ferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.



literatura como prática de acolhimento e promoção de saúde no âmbito educacional e comunitário.

Assim, reafirma-se a importância de práticas de leitura literária que vão além de uma atividade cognitiva, configurando-se como experiência estética, ética e política, capaz de promover deslocamentos internos, ressignificações e encontros em espaços universitários, como ações promotoras de saúde mental e de pertencimento, constituindo-se em dispositivos de cuidado e resistência frente ao adoecimento psíquico.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, Sergio. Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da Constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 26, n. 2, p. 222-246, 2006.
- AGUIAR, W. M. J. de, ARANHA, Elvira M. G.; SOARES, Júlio R. Núcleos de significação: Análise dialética das significações produzidas em grupo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 51, 2021. Artigo e07305. <https://doi.org/10.1590/19805314730>.
- BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 415.
- BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. de. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação. In: AGUIAR, W. M. J. de; BOCK, A. M. B. (Orgs.). *A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, p. 43-59.
- HAN, Byung-Chul, *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MELO, A. G. de; ROCHA, E. S. Por que uma psicologia clínica histórico-cultural? In LIMA, A. I. B. (Org.). *Cartas para Vigotski: ensaios em psicologia clínica*. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2020, p. 23-44.
- NORONHA, M. I.; RODRIGUES, M. A. Saúde e bem-estar de crianças em idade escolar. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 396-401, June 2011. Available from . access on 06 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000200024>.

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.





OLIVEIRA, A. B. F. de. A clínica histórico-cultural como espaço de (re)criação de si e da realidade. In LIMA, A. I. B. (Org.). Cartas para Vigotski: ensaios em psicologia clínica. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2020, p. 119-131./89.

PONTE, K. P. da; LIMA, A. I. B. Contemporaneidade e sofrimento psíquico: o olhar da clínica histórico-cultural. In LIMA, A. I. B. (Org.). Cartas para Vigotski: ensaios em psicologia clínica. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2020, p. 45-68.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 24, n. 2, p. 201-209, June 2008.

VIGOTSKI, L.S.N. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 103-135.

¹ Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Sandra.aferreira@ufpe.br;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, luiza.villar@ufpe.br;

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, eduarda.leao@ufpe.br;

⁴ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caua.cunha@ufpe.br.

